

RÁDIO E A TV POR MEIO DA WEB: POSSIBILIDADES DE UMA NOVA FORMAÇÃO

SOBREIRA, Henrique Garcia* – UERJ

MORAES, Carlos Alexandre Pereira de – UERJ

FERREIRA, Helen Pereira – UERJ

GT-16: Educação e Comunicação

Agência Financiadora: FAPERJ e CNPq

Liberal, o telefone permitia que os participantes ainda desempenhassem o papel de sujeito. Democrático, o rádio transforma-os todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. (HORKHEIMER & ADORNO, 2006: 100)

Este trabalho relata e debate uma experiência realizada em uma Faculdade de Educação¹ que, aos poucos, variados equipamentos já existentes e diversas características nos campos da prática e da teoria compartilhados por seus docentes e discentes foram articuladas na criação de um canal interativo sediado na Internet que transmite e retransmite programas de rádio e de televisão.

As questões centrais abordadas remetem às possibilidades de se retirar, já no processo de formação, os professores da posição de meros consumidores da mais variada gama de produtos midiáticos existentes. Desenvolver nos professores a capacidade de produzir é compreendido como primeira etapa para retirá-los - e, por extensão, os demais segmentos da sociedade – do avassalador impacto causado pela mídia de massa. O referencial teórico que fundamenta o trabalho pretende combinar as teorias de indústria cultural e semicultura de Adorno, os processos de singularização desenvolvidos por Deleuze e Guattari e a alternativa da multidão de Negri e Hardt como sustentação de novas experiências de formação..

O pano de fundo estratégico da intervenção que está sendo realizada é marcado por duas vertentes: a aparelhagem reunida sob o genérico nome de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – NTICs e a possibilidade de em 5 a 10 anos a internet² banda larga chegar à maioria das Escolas Públicas de Educação Básica.

* Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação nas Periferias Urbanas da UERJ/FEBF.

¹ A equipe, além dos autores, é composta por mais seis estudantes de Graduação, três de Mestrado, uma Bolsista de Apoio Técnico e mais três Professores da Faculdade, sem a participação deles esse trabalho seria impossível. Entre os diversos custos da necessária desidentificação, não citá-los é o mais elevado.

² Embora em 08/04/2008 esse prazo tenha sido anunciado como até 2010 (Globo On-line, 2008)

Portanto, faz sentido falar em possibilidades de exercício nas escolas de novos agenciamentos produtores de subjetividades e de resistência na contemporaneidade principalmente percebendo a comunicação em sua abrangência mais significativa determinada pela internet. A rede mundial de computadores permite a capacidade dos mais variados suportes midiáticos convergirem. Desta forma torna-se amplamente responsável pelo desenvolvimento econômico e cultural de muitos países, comunidades e “sujeitos”. A internet tornou-se um canal aberto à circulação de intensidades, cujo desejo que as impulsionam possa ou não corroborar a ordem social vigente.

Nossa opção de se contrapor ao modelo de produção áudio-visual, massificado das grandes empresas e canais de comunicação é apresentada como alternativa concreta de emancipação social e constituição efetiva de uma democracia pautada nos princípios do comum. Essa afirmação se fundamenta em um conceito de futuro-presente no qual a busca pelo encadeamento de determinadas estruturas de resistência já não mais se aplica, ou se resume, nas apresentadas pela conjuntura político-econômica das sociedades marcadas pela determinação do lugar dos indivíduos por meio de sua capacidade de consumo.

E, por estarmos, por mais contradições e antinomias envolvidas nesse conceito, em uma “sociedade do conhecimento” a cada dia o preparo técnico-científico da juventude se torna uma questão estratégica. Ainda que seus destinos permaneçam submetidos à polaridade “consumidores/produtores” (com ampla vantagem para o primeiro elemento) pensamos em uma articulação capaz de causar movimentos no interior das malhas sociais que alterem essa situação.

Tecnologia e teoria

As mudanças nos equipamentos de gravação de áudio e vídeo terminaram por produzir aparelhos híbridos que não mais se resumem a gravar e exibir conteúdos. As atuais câmeras, conectadas a microcomputadores por meio de cabos específicos e placas de captura de áudio e vídeo são hoje também equipamentos de transmissão de conteúdo para a Internet. Dessa materialidade emerge a metáfora que sustenta, nesse trabalho, a possibilidade de articularmos referenciais teóricos que usualmente são tratados como dessemelhantes e díspares. Câmeras híbridas, pois tanto capturam quanto distribuem, sustentam-se em tripés potencializando o seu funcionamento. O tripé não passa de eixos que unem três pontos distintos convergindo para um quarto ponto que passa a ser o lugar de sustentação e equilíbrio. Essa topologia que nos permite arriscar a, sem os

articular ou dar-lhes coerência artificial, autores pertencentes a tradições tão diferentes para compreender e elaborar as experiências que estamos desenvolvendo.

a) Indústria cultural e semicultura

O debate sobre a tecnologia e os seus impactos nas atuais formas de estabelecer uma “vida danificada” está presente em obras dos mais diversos membros da Escola de Frankfurt. Nesta linha de intervenção pode-se apontar o debate de Benjamin sobre a obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica, a teoria da indústria cultural de Horkheimer e Adorno, a revisão dessa “teoria” por Adorno com os conceitos de semiformação e com a teoria estética, o debate de Marcuse (e a réplica, em sua homenagem, de Habermas) sobre a técnica e a ciência como ideologia como momentos de capiais dessa produção. Não apresentaremos aqui uma revisão/comparação desse variado conjunto de contribuições, pois delas a que ficou mais conhecida, que produz mais impacto, mais confusões e possui maior relação com a experiência que debatemos é exatamente a crítica à indústria cultural.

As ácidas – e em alguns casos premonitórias – críticas de HORKHEIMER & ADORNO (2006) à submissão da produção cultural às regras da produção industrial e a utilização do resultado desse processo como reduplicação da dominação criaram um espectro de interpretações que possuem como pólos opostos as que compreendem a evolução do aparato de industrialização como obstáculo insuperável e as que consideram os frankfurteanos equivocados por subestimarem o significado da “cultura de massas”. A formulação, na década de 1970, por Eco (1993) dos conceitos de “apocalípticos” e “integrados” permanece ainda operante para a compreensão do debate em torno da “indústria cultural”.

HABERMAS (1990) avisa que a apropriação isolada das categorias desenvolvidas na Dialética do Esclarecimento (HORKHEIMER & ADORNO, 2006) a despeito de seu subtítulo anunciá-lo como *fragmentos filosóficos*) pode se tornar fonte de equívocos, inclusive entre os que aderem às críticas apresentadas pelos dois frankfurteanos. Consideramos como ponto de partida para o conceito de *Indústria Cultural* as reflexões de Walter Benjamin a respeito da reprodutibilidade técnica dos artefatos culturais e o seu final (pelo menos o empírico marcado pelo falecimento de Adorno) as teorias da semi ou pseudoformação. Tal percurso precisa levar em consideração tanto os aspectos marxistas (e, por extensão, materialistas) quanto os freudianos (que remetem à produção de subjetividades) que perpassam (de forma variada) a produção desses autores.

O projeto de Benjamin era desenvolver conceitos na teoria da arte que fossem inapropriáveis pelo fascismo e iniciar uma formulação revolucionária da política artística. Elementos benjaminianos como a *destruição da aura* alimentando a ilusão da posse, o deslocamento da práxis artística do *ritual* para a *política* e a *exigência de ser filmado* como afirmação coletiva do princípio da contemplação reemergem no segundo capítulo da Dialética do Esclarecimento quando os veículos da indústria cultural quase abdicam de se apresentar como arte e as *true histories* anestésiam e submetem a consciência das massas a *mimesis compulsiva*. Em ambas formulações está presente o desencanto com a capacidade das sociedades em lidar com as pulsões agressivas que retornam do recalque necessário à introjeção da Lei, momento original do longo e inconcluso caminho da humanidade de se autoretirar da barbárie.

Mas na teoria da semicultura ADORNO (1996) rompe com o conceito de *desaturização*, subjacente no texto publicado em 1947, relocalizando os fenômenos artístico-culturais como expressão não-determinística dos movimentos econômico-sociais na história da alienação, abrindo espaço para a sobrevivência da cultura a partir da *auto-reflexão crítica sobre a semiformação*, conversão necessária da cultura.

Sem as contribuições da Psicanálise o trabalho de Adorno pode ser resumido em uma elitista e mal humorada crítica aos modos de produção cultural no capitalismo tardio. Seus estudiosos e admiradores arriscam-se a um intenso sentimento de culpa perante as filas dos cinemas nos *shoppings* e a assistirem, de má vontade, apenas os telejornais. Postulamos a presença, nesse debate, do processo de transposição/elaboração, para a análise do social, do conceito freudiano de sublimação. Essa abordagem torna-se cada vez mais necessária tendo em vista que as condições técnicas de produção de artefatos culturais encontram-se hoje em um grau de desenvolvimento inimaginável, mesmo no final da década de 1960.

A *indústria cultural* não sublima, recalca. Essa frase não é um mero aforismo. A sublimação estética, em última instância, expressa a ambivalência de dor e de prazer que envolve os sujeitos na mudança de posição passiva para a posição ativa no campo da civilização. A frase a informa a respeito do processo em que a pulsão agressiva recalçada pelo proto-sujeito que se depara com a cultura preestabelecida, encontra, ao retornar, não mais os indivíduos preparados para dar-lhe um destino civilizado pela via da sublimação, mas todo um corpo auxiliar de novas fontes de energia que operam sedutoramente, e de forma cada vez mais organizada, ao prometer um mundo

desencantado, em que as excitações próprias da vida natural não careçam de ser elaboradas subjetivamente.

Mas na *Teoria da semicultura* ADORNO (1996) afirma que *a idéia de cultura não pode ser sagrada* (p. 389) e apresenta uma superação das idéias de 1947 em três pontos centrais: o reconhecimento da cultura e da formação como expressão do desenvolvimento material, e, portanto, do contraditório do processo de auto-retirada da humanidade da barbárie, a implicação dos homens e das mulheres como agentes desse processo que envolve incontáveis deslocamentos de posição ativa/passiva e a reafirmação de que tal situação não possui solução metafísica. Assim, a precisa recomendação final do autor pode ser mais bem entendida:

O que, na realidade, enfrenta, além do fetichismo da cultura, e ousa chamar-se cultural, é só o que se realiza em virtude da integridade da própria figura espiritual e repercute na sociedade mediatamente (...). a força para isso, porém, não pode surgir ao espírito a não ser que alguma vez tenha sido formação cultural. De qualquer maneira, quando o espírito não realiza o socialmente justo, (...), estamos sob o domínio do anacronismo: agarrar-se com firmeza à formação cultural, depois que a sociedade já privou-a de base. Contudo, a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu. (ADORNO, 1996: 410).

É a partir dessas reflexões que nos indagamos se o equipamento de produção e divulgação de material audiovisual não rompeu já as barreiras à sublimação que testemunharam Benjamin, Horkheimer, Adorno e outros, a ponto da polaridade apocalípticos/integrados não fazer, hoje, o menor sentido. Por menos de US\$ 10.000, é possível a aquisição de equipamento e programas que permitem a produção (e a transmissão) de material com qualidade técnica superior à do cinema que aqueles autores conheceram em vida (e que só eram realizadas com custos mais elevados do que os atuais). Assim, a auto-reflexão crítica sobre a semiformação deixa de ser um devir teórico e se assume como possível realidade material para os indivíduos.

Resta saber o quanto é possível, e necessário, que esse novo aparato opere como forma de sublimação e não de recalque. De certo modo, podemos estar (parafrazeando) diante de uma “dialética da indústria cultural”. Esse é o primeiro ponto de apoio do tripé teórico que sustenta o desenvolvimento da WEB-RADIO-TV K...

b) Processos de Subjetivação e Singularização

O segundo ponto de apoio é tão complexo quanto o primeiro. O que torna possível propormos a hibridização entre eles é a recomendação de ambos, de forma diferenciada,

de se evitar a reificação quando passamos do campo da especulação filosófica para o das práticas sociais, no nosso caso, as da pedagogia. Somos sujeitos que pensam e agem no campo da educação. A escola é o nosso palco para representações e práticas. Assim, nos arriscamos em traçar uma ponte entre o debate sobre processos de singularização e as tarefas práticas que envolvem o trabalho e a formação do professor. Com isso investimos na possibilidade de uma formação para a liberdade com vistas às possibilidades de vazão produtiva das singularidades e suas múltiplas conexões na malha social, O que implica trabalhar a desconstrução do conceito de identidade tal como foi configurado e é operante nas atuais práticas de formação na escola. Aceitamos o convite de Deleuze e Guattari para pensar os processos educativos como de subjetivação que territorializam o sujeito em um determinado cenário ideológico, mas que deixam a esse a possibilidade de construir-se livremente, se apropriando daquilo que o convém, vivendo a singularização.

A subjetividade só é possível pela ação e relação do sujeito com o mundo e isso acontece através da corporeidade. Na subjetivação a identidade é edificada pelas relações no entorno, na singularização temos a construção autônoma da subjetividade, uma vez que, a é um processo que vem do ser, de forma interna, intrínseco ao sujeito. Guattari questiona o quanto a padronização dos espaços, tornando-os equivalentes, contribui para um esquecimento de uma vida única.

Assim a subjetividade se encontra ameaçada de paralisia. Poderiam os homens restabelecer relações com sua terras natais? Evidente que isso é impossível! As terras natais estão definitivamente perdidas. Mas o que podem esperar é reconstruir uma relação particular com o cosmo e com a vida, é se “recompôr” em sua singularidade individual e coletiva. A vida de cada um é única. O nascimento, a morte, o desejo, o amor, a relação com o tempo, com os elementos, com as formas vivas e com as formas inanimadas são, para um olhar depurado, novos e inesperados, miraculosos. (DELEUZE & GUATTARI, 2004: 170)

Nos espaços atuais de formação há tendência a padronização não só na formas visíveis, como o uniforme, mas também em relações imaculadas, como a preocupação com média de nota das turmas. Fazem com que nossas crianças cresçam no universo escolar como meros telespectadores e reprodutores das normas. No entanto, esse espaço do conhecimento pode vir a ser suporte para o processo de singularização, promovendo o pensamento crítico que ofereça caminhos alternativos. Assim,

... o sujeito não é evidente: não basta pensar para ser, como proclamava Descartes, já que inúmeras outras maneiras de existir se instauraram fora da consciência, ao passo que o sujeito advém no momento em que o

pensamento se obstina em apreender a si mesmo e se põe a girar como um pião enlouquecido, sem enganchar em nada dos Territórios reais da existência, os quais por sua vez derivam uns em relação aos outros, como placas tectônicas sob a superfície dos continentes. (GUATTARI, 1992: 17).

Mas o que seria falar com estas crianças e estes jovens quando o assunto são os novos territórios das redes? Este momento de boom tecnológico pode vir a ser um maior incentivo à formação docente para que invista na formação baseada na produção de singularidades e não de identidades? Qual a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação para que estratégias alternativas de ensino substituam a práticas de intervenção normativa atuais?

O trabalho do Canal Interativo tem funcionado como suporte para que docentes e discentes da Faculdade possam atravessar os produtos midiáticos de massa e dêem vazão as suas singularidades produzindo materiais que promovam várias formas de agenciamento. Esse modelo de trabalho coopera para que o professor em processo de formação experimente uma nova liberdade de criação e se apresenta como linhas de fuga para contrapor a estética comercial; experimentando novos meios de tecer teias de conhecimentos. É uma ruptura entre as que Guattari nos aponta como forma de se criar subjetividade coletiva,

Tais pontos de ruptura, tais focos de singularização, não podem ser assumidos através de simples procedimentos consensuais e democráticos, Trata-se, em suma, de uma transferência de singularidades do artista criador de espaço para a subjetividade coletiva. (DELEUZE & GUATTARI, 2004: 178)

Nesse aspecto, articulamos pontos de singularidade capazes de promover mudanças com as inovações pedagógicas permissíveis pelos equipamentos disponíveis. Através do processo de criação e da aprendizagem de técnicas específicas na produção dos vários recursos audiovisuais o Canal Interativo (Rádio, Web e IPTV), também leva em consideração o modelo de rizoma. A organização de seus elementos não segue linhas de subordinação, abre ramificações, ele pode afetar e ser afetado, mas não necessariamente de forma recíproca, no entanto, ele está atrelado a um centro. Ele pode promover ações que dialogam com a construção do sujeito crítico, podendo assim, agir na ressignificação dos meios comunicativos e no processo de aprendizagem.

Todas essas metas só encontram devir prático, sem incorrer em reificação, caso tenham um terceiro ponto de apoio, aquele fundamentado em conceito distante dos tradicionais indivíduos ou sujeitos coletivos: o da multidão.

c) Multidão e Alternativa

"A militância política revolucionária hoje, ao contrário, precisa redescobrir o que sempre foi a sua forma própria - atividade não representativa, mas constituinte. A militância atual é uma atividade positiva, construtiva e inovadora. Esta é a forma pela qual nos e todos aqueles que se revoltam contra o domínio do capital nos reconhecemos como militantes. Militantes resistem criativamente ao comando imperial. Em outras palavras, a resistência esta imediatamente ligada ao investimento constitutivo no reino biopolítico e a formação de aparatos cooperativos de produção e comunidade". (NEGRI & HARDT, 2002: 436)

O terceiro eixo de nosso tripé introduz a questão das formas que os canais de resistência e contra-fluxo encontram pontos produtivos de conexão com a apropriação técnica e teórica. Entra em cena a categoria multidão que significa, sobretudo, compreende-la como composta pelo conjunto de singularidades articuladas, mantendo-se múltipla e ao mesmo tempo não fragmentada. É percebê-la como um sujeito social em que a diferença não pode ser reduzida a uma unidade, pois deve manter-se diferente e múltipla, apresentando uma dinâmica interna baseada no as singularidades têm em comum. A multidão é potencialmente formada por todos aqueles que trabalham sob o domínio do capital, mas recusam compactuar com seu imperativo homogeneizador. Pode ainda ser compreendida como a interatividade daqueles que constroem o comum a partir de processos e ambientes virtuais, do mesmo modo reais, completamente múltiplos.

Processos construtivos que antecedem a individuação e permitem que as singularidades se expressem na multidão. A multidão não é o povo e nem as massas, mas algo parecido com os nômades que percorrem um caminho agregando pessoas autônomas. Essa categoria foi postulada referindo-se aos fenômenos políticos, econômicos e sociais manifestados neste começo de século XXI por NEGRI & HARDT (2005). Os autores buscam uma releitura contemporânea da obra de Marx e pensam em resistência e lutas compreendendo que o comunismo não deve mais ser construído, mas constituído a partir da multidão. Isso implica considerar os fluxos do capital em sua intrínseca relação com a cultura e conceber uma série de novas formulações capazes de demonstrar, pelas inúmeras linhas de fronteiras, as possibilidades atuais de operar rupturas.

Deste modo, se as relações de trabalho não devem ser mais percebidas apenas como a causa operária que convoca para alianças e adesão, elas passam a ser a necessária constituição de uma de uma nova forma de operariado, inclusive destituída do convencional sentido de operário. Não está em tela a validade das antigas causas, apropriadas pelos trabalhadores que lutam por melhores condições sociais e de trabalho.

Apenas evidenciam a insuficiência dessas abordagens teórico-práticas de abrirem os caminhos para transformações sociais que se pretendem como revolução.

Promover iniciativas que posicionam a multidão contra o império implica encarar, sem ilusões, as formas de poder, exploração e opressão na contemporaneidade, mas também implica a criação de conceitos que considerem o potencial efetivo dos desenvolvimentos e libertações alternativas. Deve haver um amplo esforço coletivo para (re)inventar conceitos adequados para se pensar e fazer política.

Certamente não pensamos que hoje deve haver um afastamento da prática em direção à teoria ou da economia política e da revolução em direção a questões de método. A investigação deve avançar em ambos os campos, simultaneamente. E seria um erro assumir nesse caminho uma divisória entre teoria e prática. Os movimentos sociais de hoje — contra a guerra, sobre as condições de trabalho, imigração, o desenvolvimento, desigualdades de gênero e como muitos outros assuntos — não estão simplesmente dedicados à prática. Há um nível elevado de teorizações que se dão no dia-a-dia nos movimentos, e freqüentemente trabalhando com conceitos iguais ou comparáveis aos que estamos explorando. (HARDT & NEGRI, 2008).

Para evitar que a manifestação de conflitos epistemológicos diversos no campo material, onde as lutas se fazem, acabe por estagnar a *bios* social em sua potência revolucionária, o cerne do raciocínio está justamente na convergência de tais forças em direção ao *comum*. O trabalho proposto por HARDT & NEGRI (2005) é o de pensar o conceito de comum, defendendo que o mesmo pode ser (re)construído pelos sujeitos históricos da atualidade, a multidão. Os autores defendem um “comum”, que é menos descoberto do que produzido, ao propor uma análise que aponta para a montagem de uma espiral crescente nas relações para construir modos de superar o capitalismo.

“O interesse comum, em outras palavras, é um interesse geral que não se torna abstrato no controle do Estado, sendo antes reapropriado pelas singularidades que cooperam na produção social biopolítica; é um interesse público que não está nas mãos da burocracia, mas é gerido democraticamente pela multidão. Não se trata simplesmente de uma questão jurídica, em outras palavras, mas coincide com com atividade econômica ou biopolítica que analisamos anteriormente, como no caso da partilha criada por externalidades positivas ou pelas novas redes de informação, e, de maneira mais geral, por todas as formas cooperativas e comunicativas de trabalho. Em suma, o comum assinala uma nova forma de soberania, uma soberania democrática (ou, mais precisamente, uma forma de organização social que desloca a soberania) na qual as singularidades sociais controlam através de sua própria atividade biopolítica aqueles bens e serviços que permitem a reprodução da própria multidão. Esta haveria de construir uma passagem da Respublica para a Rescommunis.” (HARDT & NEGRI, 2005: 268)

O cuidado em não utilizar a expressão *comum* no plural (the commons), revela que os autores citados acima evitam remeter o conceito aos espaços de compartilhamento pré-capitalista, fundados com o surgimento da propriedade privada. Buscam enfatizar o sentido filosófico do termo *comum*, deixando claro que não se trata de um retorno ao passado, mas de um novo desenvolvimento ao argumentar a favor de uma comunicação, colaboração e cooperação que não se baseiam simplesmente no comum, mas nas vias de produção do mesmo, na sua constituição.

Esta necessária produção, no entanto, é apresentada como o pilar a todas as formas de produção social e, no caso de nossa proposta, constitui-se como o último, mas de importância igual, eixo de apoio do tripé teórico que sustenta de nossa pesquisa e atividades. Colocar professores e estudantes em posição de produtores é (re)colocá-los em novas posições de singularização e, por extensão, como participantes dessa multidão que a partir mesmo dos desígnios do império permeados nos avassaladores meios de “comunicação de massa” pode inverter essa expressão para uma nova “massa (multidão) em comunicação”.

A experiência da WEB-RÁDIO-TV K...

Essas idéias foram se articulando em nossas práticas desde que a Rádio Comunitária que é o embrião da experiência atual passou a funcionar transmitindo seus programas desde 2001. Desde cedo a Rádio funcionou, e continua a funcionar, produzindo novos autores, para além do público interno da Faculdade em que está sediada. Foi em 2004 que começaram as atividades de um programa de divulgação científica, por meio de entrevistas com pesquisadores da universidade, denominado **Q.....**. Este programa é realizado ao vivo com um “público leigo” por excelência: os tão desvalorizados estudantes de Pedagogia que se tornarão professores e professoras de crianças. Isso favorece ao entrevistado a descrever o seu cotidiano de pesquisa, pleno de dificuldades e de realizações, exige a descrição do seu processo de formação desde a Educação Fundamental e uma série de outras abordagens às quais nem sempre ele é solicitado a refletir quando se dirige a um público mais ou menos especializado ou interessado diretamente no seu tema de pesquisa.

O formato experimentado é o de um “talk show”, transmitido ao vivo, via rádio comunitário-universitária, mais tarde, apropriando-se de sentidos mais plenos começou a articulação com a internet, mantendo uma híbrida transmissão audiovisual on line e por frequência FM na comunidade local.

A excitação dos estudantes de Pedagogia que estavam na platéia (cuja presença variou de 60 a 90 estudantes para cada programa) era proporcional ao seu desconhecimento do tema da pesquisa do entrevistado. Dessa forma, se deixaram levar pela curiosidade e enfrentavam a tarefa de apresentar perguntas ao entrevistado com a maior responsabilidade em temas que variavam de tempestades solares até plantas medicinais, não deixando de fora questões como a literatura de mulheres afro-descendentes, o câncer, o carnaval e experiências na Estação Espacial Internacional. Se isso confirmou a necessidade e a viabilidade do programa, introduziu também a questão do “desconhecimento geral das carreiras acadêmicas” como outra meta de superação para a qual o programa poderia contribuir.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento de uma plataforma interativa na web se fez necessária para que o sentido local e global da proposta pudesse ser estabelecido. Baseada nos moldes da Web 2.0, a plataforma desenvolvida visa atender a necessidade de tornar mais dinâmico o ambiente on-line, oferecendo aos usuários a possibilidade de colaborarem na organização de seus conteúdos. Dessa forma, tendo em vista a gratuidade dos serviços e a sua interface gráfica sofisticada, os serviços disponíveis de blog, chat, hospedagem de material, e players de áudio e vídeo, garantiram à equipe de produção do programa o início das transmissões ao vivo, on-line e, com possibilidades de interatividade.

Realizar atividades de divulgação científica por meio de palestras e entrevistas com pesquisadores não é novidade no cenário social e acadêmico. Mas a cultura “audiovisual” própria dos tempos modernos relegou a informação científica por meio de rádio praticamente limitada aos programas de notícias. A simples realização de um amplo programa de divulgação por meio de entrevistas com pesquisadores já constitui uma forte possibilidade de reverter esse quadro. Se esse programa for realizado a partir da informação, ao Pesquisador, de que ele está se dirigindo a um público leigo, essa possibilidade fica maior. Dessa forma a atividade assume um perfil bem diferente dos que estão presentes tanto no **Ciência às Seis e Meia** da SBPC (do qual, evidentemente, o **Q...** é tributário) quanto nos programas similares das televisões aberta e paga.

Essa participação ativa como produtores do programa (tendo em vista que hoje ele é realizado com o apoio de mais de uma dezena de estudantes bolsistas e voluntários de Graduação e de Mestrado) e como membros da platéia que oferecem

questões adicionais ao entrevistado, favorecem a aproximação entre o Pesquisador e seu público de forma extremamente produtiva para ambos. Esse fator produziu alguns resultados “inesperados” que elevaram a percepção do grupo sobre os objetivos que poderiam ser estabelecidos para o Programa. Entre 2004 e 2006, devido as características de trabalho voluntário dos docentes, funcionários e discentes envolvidos, foram transmitidos e gravados para retransmissão apenas doze programas.

Essas boas experiências permitiram que, aos poucos, a qualidade de produção, realização e edição do programa fosse evoluindo e impondo novas metas. Não bastavam mais a mera edição para eliminar os pequenos defeitos e as comunicações adicionais próprias de um programa ao vivo para que eles fossem retransmitidos em outros horários da grade de programação da Rádio. O programa foi cadastrado como atividade oficial de Extensão na Universidade e passou a ser apresentado (sob forma de CD) em eventos internos acadêmicos o que acabou fazendo-o merecedor de suas primeiras bolsas acadêmicas para estudantes de Graduação.

Foi no final de 2006 e no começo de 2007 que um conjunto de situações isoladas terminou reconfigurando o programa. Primeiro, ele foi incluído entre as atividades extra-curriculares oferecidas como suporte aos estudantes que ingressavam na Universidade, o que lhe fez merecedor de mais bolsas acadêmicas. Em paralelo, um financiamento de agência de fomento permitiu a aquisição, para outro setor da Faculdade, de equipamento necessário para a edição de material de vídeo. Um outro fomento, recebido por um dos autores do presente trabalho – mas destinado à outra atividade - permitiu a aquisição de equipamento de filmagem digital (uma câmera “simples” modelo Sony Handycam Digital). Ao mesmo tempo, no processo de reformulação do curso de Pedagogia derivado das modificações normativas aprovadas pelo CNE levou alguns professores da Faculdade a proporem um conjunto de Disciplinas Eletivas organizadas sob o título geral de Educação em Ambientes Multimídia, introduzindo na Graduação uma proposta já em exercício no Programa de Pós-Graduação (Mestrado Acadêmico) da Faculdade fornecendo uma massa crítica de discentes de Graduação e de Mestrado interessados nas possibilidades de avanço das atividades reunidas no Q..... Participa também deste cenário a elevação da Banda de conexão à Internet da Faculdade.

Foi assim que a equipe pode se consolidar para que a realização regular do programa incluísse atividades de pré-produção, realização e pós-produção que se tornavam cada vez mais complexas. Já no primeiro semestre de 2007 os estudantes da equipe começaram os estudos de viabilidade³ para transmissão do programa ao vivo por meio de Rádio e Televisão via Internet com a criação, em formato Blog, do Canal Interativo **K...**, localizado no endereço virtual **www.kkkk.wordpress.com**⁴ com a finalidade de atender às demandas técnicas tanto do Programa **Q...** quanto das demais atividades da Rádio **K...** FM 100,1. O Canal Interativo **K** se estabeleceu como suporte e referência aos demais projetos desenvolvidos e em desenvolvimento pelo corpo docente e discente da Faculdade e para a comunidade de Bairro que há tempos já se apropriou do espaço da Rádio.

A escolha inicial de uma publicação eletrônica em formato de Web Blog está vinculada à aproximação das intenções e das atividades deste projeto com a Web 2.0 (a segunda geração da World Wide Web). Esta nova plataforma vem ganhando força por reforçar os conceitos de troca de informações e de colaboração dos internautas por meio de páginas e serviços virtuais. O desenvolvimento da Web 2.0 visa atender a necessidade de tornar mais dinâmico o ambiente on-line, oferecendo aos usuários a possibilidade de colaborarem na organização de seus conteúdos. Dessa forma, tendo em vista a gratuidade do serviço e a sua interface gráfica sofisticada, os serviços disponíveis no Web Blog Wordpress garantiram à equipe de produção do Programa **Q...** o início das transmissões ao vivo on-line e futuramente permitirão a publicação de materiais diversos e a interatividade com o público com acesso à internet.

Depois de várias experiências transmitindo outros eventos da Faculdade, finalmente o quinto programa do semestre “inaugurou” essa forma de divulgação para um público mais amplo do que os ouvintes do bairro e estudantes, funcionários e professores presentes no Auditório **A...**, desde então todos os programas foram transmitidos via Internet.

Cadastramos o “endereço MSN” **qxxx@hotmail.com**, por meio do qual, já nessa primeira experiência foram realizadas perguntas para o entrevistado. Porém, a escolha de um serviço gratuito de mensagens instantâneas de propriedade da

³ Hibridizando o conjunto de equipamentos já disponíveis na Faculdade.

⁴ Há uma nova, e mais completa, página que está em fase de testes: www.freewebtown.kxxx.com

Microsoft não é definitiva no projeto, principalmente levando-se conta o crescente número de usuários com o software livre Linux como sistema operacional padrão. A manutenção exclusiva do Windows Messenger deixaria de fora os usuários Linux da comunicação direta com os entrevistados. A solução que será exercitada em 2007-2 é cadastrar o usuário *q.xxxxx* no Skype (plataforma gratuita) por oferecer suporte tanto para Linux e Windows como para os usuários Mac. Além dessa superioridade interativa comparada em relação ao MSN, essa plataforma também oferece serviços de vídeo e áudio-conferência além do tradicional Chat. A opção de transmissão foi utilizar apenas 128 Kbps da banda para que fosse ampliada a possibilidade de acesso pelo público da internet tendo em vista o pequeno número de usuários brasileiros de banda larga, em especial as Escolas Públicas. Na página do Canal Interativo **K...** já estão disponíveis as versões iniciais de pós-produção de vários programas realizados em 2007 (Escritoras Negras, Custos da Violência Urbana e a Imagem do Índio, O Carnaval etc) e de dois “trailers” do programa que foram apresentados em eventos acadêmicos (Z et alli, 2007 a, 2007 b e 2007 c).

A nova meta (desenvolvimento da IPTV) é envolver os estudantes e professores da Educação Básica que passarão a receber as transmissões no papel de produtores ou co-produtores do programa. Assim, o efeito demonstração que já experimentamos com o **Q...** será reproduzido nas atividades da IPTV.

Mas, mais do que o trabalho de produção e transmissão, a equipe continua realizando pesquisas e experiências na área de comunicação para que novas linguagens de produção audiovisual sejam experimentadas, reproduzidas e recriadas de modo a estabelecermos um padrão de Televisão Educativa, Escolar e Comunitária ao alcance de todos.

A perspectiva que nos permite acreditar em custos menores dos que os atuais para a disseminação de Rádios e TVs via Web é baseada em nossas experiências desde o primeiro momento: a surpreendente posse, pelas novas gerações, de compreensões das possibilidades que os equipamentos que sustentam as chamadas NTICs possuem. Quase que de forma imanente, cada estudante que participa desde 2004 incorporou no projeto e ensinou aos, via de regra, considerados pesquisadores sênior novas forma de uso e de criação. Desta forma, experiências de foto, de filmagem e de transmissão de dados por meio de telefones celulares

com câmeras, encontraram seu desaguadouro (e aí sob forma de nascente) em câmeras e equipamentos mais sofisticados. Vale notar que esse uso, quase que instintivo, gerou demandas de qualidade de imagem, som, iluminação, edição, transmissão que geraram cursos rápidos e cursos de multiplicação de equipe.

E assim por diante...

Não há como concluir o que por definição está sempre recomeçando. Assim, fazemos um retorno a epígrafe deste trabalho (sobre o caráter distinto do rádio e do telefone no texto sobre a indústria cultural). Essa crítica frankfurteana sustenta a hipótese de uma “dialética da indústria cultural”. A evolução do equipamento que inicialmente só permitia espaços para a “reprodutibilidade técnica da obra de arte” parece estar revertendo-se contra aquilo mesmo que parecia sua intenção: manipular as consciências, como forma e estratégia de dominação. A percepção Adorno de um caráter de semiformação naquilo que antes era imaginado como formação (*Bildung*), a postulação de Deleuze e Guattari a respeito dos processos de singularização e o reconhecimento por Hardt e Negri do potencial transformador da multidão são os fundamentos de nosso trabalho. Se o aparato da “velha” indústria cultural não permitia a sublimação, mas recalcava, fica em aberto, entre outras considerações, o quanto vamos poder vivenciar os novos aparelhos e suas formas de hibridização poderão servir como formas de sublimar, e não de recalcar, de agir na potencialização de singularidades, e não de identidades e de agir na multidão, e não pelo império.

A escola e a educação não possuem a onipotência para mudar o mundo, mas, a cada dia nos parece o melhor lugar para atuar na transformação. O pensamento libertário em educação, desde a década de 1960, investe no reconhecimento da utilização das culturas e hábitos próprios das camadas subalternas ou excluídas como forma da escola contribuir para a liberdade. Ao que parece o Séc. XXI está impondo uma nova exigência e a liberdade remete mais ao desenvolvimento - no interior da escola - de algo que já trazem nossos jovens, ao menos como desejo: a capacidade de upload, para além da de download.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. W. Teoria da Semicultura. Educação e Sociedade, ano XVII, n. 56 (dez). Campinas: Papyrus, 1996. (338-411).

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2004.

ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados . São Paulo: Perspectiva, 1993, 5ª ed.

Globo On-line, 2008. Governo lança programa que levará internet em banda larga a escolas públicas até 2010. Disponível em
<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2008/04/08/governo_lanca_programa_que_levara_internet_em_banda_larga_escolas_publicas_ate_2010-426743505.asp#content> Acesso em: 08 abr. 2008)

GUATTARI, F. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

HABERMAS, Jurgen - Discurso Filosófico da Modernidade. Lisboa. Publicações D.Quixote.1990.

HARDT, M. e NEGRI, A. Multidão: guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. Império. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. O que é a multidão: Questões para Michael Hardt e Antonio Negri Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n75/a07n75.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2008)

HORKHEIMER, M; e ADORNO, T W-. A dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2006.

Z et alli, 2007-a

_____, 2007-b

_____, 2007-c